

RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

**PERCEPÇÃO DO FALAR MACAUBENSE: O PAPEL DA (NÃO)
PALATALIZAÇÃO**

Sidélia Rêgo Reis (sideliarreis@gmail.com)

Vera Pacheco (vera.pacheco@gmail.com)

A linguagem é uma ferramenta essencial para o ser humano, pois é por meio dela que a interação social se estabelece. Dentre as formas de expressão linguística, a fala ocupa um lugar central, por ser o meio mais imediato de comunicação. Nesse processo, o português brasileiro apresenta fenômenos linguísticos que se manifestam de diferentes formas, a depender da região, do contexto e dos falantes. Ou seja, os usuários da língua constroem significados a partir de uma variedade de realizações fonéticas. É nesse cenário que se insere a comunidade de Macaúbas, município do interior da Bahia, que se destaca pela realização variável das oclusivas alveolares — ora palatalizadas, ora não palatalizadas — diante da vogal [i] (Reis; Pacheco, 2023). Neste trabalho, objetivamos investigar qual é o papel da (não)palatalização das oclusivas alveolares no processo de auto percepção linguística dos macaubenses. A pergunta central que norteou o estudo foi: qual das variantes — palatalizada ou não palatalizada — favorece o reconhecimento do macaubense como traço característico de seu modo de falar? A hipótese levantada é que a forma não

palatalizada é aquela que leva o falante a se reconhecer linguisticamente. Para tanto, selecionamos palavras com consoantes oclusivas nesse contexto fonético para a montagem de frases-veículo e, posteriormente, realizamos as gravações em cabine acústica. A análise dos parâmetros acústicos foi feita por meio do software Praat, com o objetivo de observar, de forma sistemática, como se manifestam as variantes fonéticas na fala dos participantes e como essas variantes são percebidas pelos próprios falantes da comunidade. Este estudo se ancora teoricamente na Sociolinguística Variacionista, proposta por William Labov, que enfatiza a importância de analisar a língua em uso, considerando fatores sociais que influenciam as variações linguísticas. Segundo Labov ([1972] 2008, p. 259), o novo modo de fazer linguística consiste em estudar empiricamente as comunidades de fala, observando como a variação linguística se manifesta em contextos reais. Além disso, inscreve-se no campo da Sociofonética, que investiga a interface entre aspectos fonéticos e sociais da linguagem. Labov (2006, p. 500) define esse escopo como o estudo da sensibilidade de falantes e ouvintes para o contexto social no qual a língua é produzida e percebida. Na etapa de percepção, foi aplicada uma tarefa com juízes linguísticos compostos exclusivamente por jovens residentes na zona urbana de Macaúbas. A escolha desse recorte se justifica pela intenção de observar como a juventude urbana, exposta a múltiplas influências linguísticas e socioculturais, reconhece (ou não) traços fonéticos como marcadores identitários. Nossos resultados mostram que, embora a variante não palatalizada seja recorrente na fala cotidiana macaubense, os juízes participantes tendem a reconhecer a forma palatalizada como representativa de sua comunidade linguística. Esse contraste entre uso e percepção revela um aspecto relevante das representações sociais da linguagem: a valorização simbólica de uma variante pode não coincidir com sua frequência real de uso, especialmente entre os grupos mais jovens e urbanos.

Palavras-chave: (não) palatalização; percepção; macaúbas; reconhecimento.